

“Episódios de um mestre de banda”

Adérito Silveira

O Canório tinha passado mal a noite. Uma forte diarreia, tinha-o assolado e fragilizado ao ponto de ele próprio questionar se havia de acompanhar a Banda de Mateus para a festa de Chacim. Meio atarantado, diz para a mulher:

- Ó Maria, faz-me prá aí um caldinho de cebola p´ra ver se me passa este desarranjo de barriga. – Despacha-te mulher que não quero perder a *camineta*.

Como era habitual, Maria da Rebecha, responde-lhe pronta e sem papas na língua:

- Ò *home* eu sei bem do que foi, foi do raio das tripas estragadas de há oito dias...és sempre o mesmo lambão, tens bem a quem sair.

Com as mãos quadradas e largas, Canório ainda faz um ligeiro esboço ameaçador... mas a estatura da Rebecha também lhe impunha algum respeito...

O Canório, mesmo com a barriga aos trambolhões, lá vai para a festa, não resistindo à tentação da gula, pois em Chacim o seu “patrão” esperava-o como sempre para lhe atestar bem o bandulho.

Durante a viagem, não passou bem, e as suas entranhas davam bem mostras disso, com ruídos estranhos mais parecendo pequenos trovões ameaçadores que faziam com que alguns músicos tapassem o nariz manifestando-se ao mesmo tempo com uma linguagem recheada de trejeitos e palavões...

O rosto de Edmundo Canório estava lívido e, olhando-se bem para ele, fazia até aflição ao ponto do Zé Bernardo, em tom de ironia disparar:

- Ò Canório, já vi mortos com cara bem melhor do que a tua.

Acossado, Canório responde-lhe com voz tremida e embargada, quente e precipitada:

- Vai uma bernardada?

Era o pior que podia acontecer ao Bernardo, porque esta expressão feria o seu orgulho profissional e a sua vaidade como músico. Mas, na verdade o seu clarinete tocado com a palheta para cima, mais parecia a chiadeira arrelhiadora de um carro de bois...com a sua boa disposição e bonomia e pelo seu infalível sentido de humor nas horas de crise, Zé Bernardo, lá se resignava retorcendo o seu bigode preto e farfalhudo.

À chegada a Chacim, de tão debilitado, o Canório não alinhou na arruada, ficando a frente da banda amputada, pois só havia mais um contrabaixo tocado pelo Zé da Burra.

A festa era de arromba e à banda impunha-se corresponder ao que dela se esperava. Havia agora uma preocupação indisfarçável, os olhares dos músicos acusavam um mal-estar: constrangidos, evitavam falar no assunto. A falta do Canório (no contrabaixo), era uma ausência de peso, preocupante, levando mesmo o veterano José Luís Raposo, de rompante, a falar com o Mestre Matias.

Num semblante misto de preocupação e imposição, abana-o e num tom aflito diz-lhe:

- Bá Matias tens de ser tu a substituir o Canório, veste a farda dele, e toca na arruada o contrabaixo.

Tão célere o disse que o Mestre com a sua peculiar simplicidade nem teve tempo de pensar. Rápido e desajeitadamente veste a farda grande e disforme do Canório e em resposta pronta desbobina: "Este Raposo é levado da breca, é um homem do caraças". Ao mesmo tempo Matias repara que o casaco do Canório lhe chegava bem fundo aos joelhos, e, que para cúmulo e ridículo estava tingido de nódoas negras e pintalgado de restos de comida, ao mesmo tempo que ia cogitando: "aquela Rebecha é bem porca". Bem, quanto ao boné, de tão enfiado só um fio de orelhas eram visíveis.

Ao primeiro sopro, foram visíveis alguns resquícios de comida que saíam soltos da campânula do instrumento...

Zé da Burra, aproveita este episódio ridículo e vergonhoso e num gesto brusco regouga com voz de poucos amigos:

- Francamente, era preciso o Matias a tocar o contrabaixo? Então eu não dava conta do recado? Acrescentando de seguida: "São sempre os mesmos labregos"... Animado pelas palavras que acabara de dizer, Zé da Burra continuou a resmungar algumas obscenidades.

Animado por tão patético quanto inesperado cenário, Zé Gago, exhibe pomposamente o bombo bem empinado e, de peito feito, é ele quem dá início à marcha com um forte "tum, tum", sentindo-se mascarado de vaidade com um olhar recto, brilhando-lhe os olhos, remoendo-se de sorrisos sonsos: "afinal p'ra que serve um Mestre à frente da banda?"

A marcha "De Socos e Mangueiras" não se faz esperar, forte e austera, iniciada a bons pulmões com trompetes e trompas a fazerem lembrar uma grande parada militar.

Chacim havia de lembrar esses momentos...

Como todos os mestres de banda, Matias também vivia as suas ansiedades mescladas num rosto de preocupações antes dos concertos, chegando ao ponto de implorar os favores a Frei Vicente – padroeiro da banda - para que o ajudasse a levar a bom porto os caminhos por vezes tortuosos da sua direcção artística.

Facto curioso, aconteceu em Carrazedo de Montenegro no ano de 1969. Noite fria e ventosa, mas com um céu limpidamente estrelado e estranho ao mesmo tempo. Três da manhã: a banda toca desfalcada e comprometida a Rapsódia "Festas e Romarias", em cadência morna, condizente com o estado de espírito pessimista dos músicos.

Já no coreto, Zé Rufa, toldado pelo vinho, de boca aberta, procura atabalhoadamente a boquilha do seu saxofone, encontrando-a, já a banda tinha começado os primeiros compassos. Matias olha-o recriminatoriamente desanimado e com ares de poucos amigos mas sempre a perdoar-lhe porque Rufa sabia tocar quando estava sóbrio. Ao mesmo tempo que o olhava displicente: “este Rufa é sempre o mesmo, o vinho há-de matá-lo em pouco tempo”.

Quase no final da rapsódia, em ritmo ternário cadenciado e repetitivo, numa espécie de dança enlouquecida e teimosa, tocada em trompas, trombones e contrabaixos, o mestre, como que ludibriado pela falta de melodia, perde-se na partitura, fica atônito e paralisado com o que se está a passar, deixando-se envolver por tão espúrias sensações.

Todo o seu corpo treme de medo e de vergonha: para mais a assistência era suspeita e indisfarçavelmente crítica. Eram alguns músicos da Banda de Nogueira que vinham de uma festa de mais longe e quiseram parar ali para ouvir Mateus, sabendo eles que nesse concerto a banda estava debilitada nas suas hostes e sabiam também que àquela hora o vinho já fermentava em alguns músicos...

Num repente, o olhar do mestre cola-se no músico Carlos Silveira como que a implorar-lhe: “Sr. Carlos, faça alguma coisa”. E assim foi. Carlos Silveira, como que tocado por uma qualquer bênção divina e estranha profecia “ataca” decidido, no seu trombone de varas a marcha final da rapsódia, que de imediato se faz acompanhar por todos os outros músicos numa espécie de cavalgada estonteante e vigorosa. Mestre Matias rumoreja: “Obrigado Sr. Carlos, não sei como lhe agradecer”...

Em 1972, na festa de Abambres, o mestre sentia-se vaidoso e confiante com o reforço de uma plêiade de músicos: um luxo vindo da Banda da Armada. Nesse dia adivinhava-se um concerto memorável. Abambres era o palco de estrelas. Entre outros encontravam-se o percussionista Bragado (jaquim burro), José Augusto, solista da Gulbenkian, Diamantino Dias (o músico das barbas e da “Manola” que encantava e enfeitava as meninas de Mateus com o seu trompete), o trombonista Cartaxo, de forte compleição física, tocando uns fortes estrondosos que faziam estremecer os papéis de música – alguns chegavam mesmo a voar da estante...

Confinado na sua sorte e mestria, Matias, põe na estante a temida “Poeta e Aldeão” (conhecida pelo povo como a “Bicha Brava”)... a peça não tinha sido ensaiada...

Os músicos, algo apreensivos questionam a competência do Matias face a tão arrojada obra. À complexidade técnica de alguns andamentos, corresponde Matias, endiabrado, com todas as suas forças empolgando-se pela técnica superior de alguns músicos. Bragado olha-o procurando ajudá-lo de quando em vez com o bambolear coordenado do seu corpo. Depois de alguns momentos “perigoso”, a Bicha Brava” chega ao fim. Agora o mestre, vira-se para o público com elegante vénia e para os músicos com agradecida ternura. A multidão, reconhece a sua coragem e ousadia ficando a sua autoridade impune e limpa. “Valeu a pena o desafio”, desabafou Matias. Todo aquele pedaço de povo, em estrídulos ruídos aplaude a coragem do homem.

- Caraças, o povo gostou imenso – concluiu finalmente.

Carlos Silveira rematou: “ foi obra!”